



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8742 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 09/GT 14 - Trabalho e Educação e Sociologia da Educação

**SABERES SOCIAIS E PROCESSOS FORMATIVOS DA[S] CLASSE[S]  
TRABALHADORA[S]: A EXPERIÊNCIA DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO  
NORDESTE PARAENSE**

Ellen Rodrigues da Silva - UFPA - Universidade Federal do Pará

Doriedson do Socorro Rodrigues - UFPA - Universidade Federal do Pará

**SABERES SOCIAIS E PROCESSOS FORMATIVOS DA[S] CLASSE[S]  
TRABALHADORA[S]: A EXPERIÊNCIA DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO  
NORDESTE PARAENSE**

A pesquisa de doutorado em andamento, trata sobre a articulação de conceitos e evidências interrogadas conforme Thompson (1981), de como ocorrem os processos formativos da classe trabalhadora, em experiência nas comunidades tradicionais quilombolas, na Amazônia Paraense, município de Mocajuba, diante das contradições operadas pelo capitalismo. A hipótese construída através de pesquisa de mestrado encaminha, que está em processo nestes “chãos” a *formação da classe econômica-cultural*, noção-conceito, que pode vir a ser.

Na busca por respostas, o ponto de partida desta investigação, é o trabalho, resultado da construção histórica do homem e da mulher, considera as categorias mediação, contradição e totalidade, de forma a refletir, conforme Marx (1996), que, pelo trabalho, o homem e a mulher se constituem, humanizando-se, à medida que modificam a natureza e a si próprios.

Trata-se, de pesquisa de abordagem qualitativa, pois busca compreender os processos de construção e descrição de significados (BOGDAN & BIKLEN, 1994). Neste sentido, para entender a realidade concreta (KOSIK, 2002), o enfoque da pesquisa é o materialismo histórico-dialético.

Diante disso, os primeiros resultados desta investigação (em fase inicial), com base na construção do inventário de pesquisa (levantamento de documentos e literaturas), tem encaminhado pensar, que pesquisas, que tratam sobre a contradição Trabalho-Capital como processo formativo das classes sociais, no contexto de comunidades tradicionais quilombolas, ainda são ínfimos tanto a nível nacional com a nível regional amazônico.

Neste contexto, temos construído através da perspectiva materialista histórico-dialética, a compreensão, de acordo com Marx (1996), que o trabalho, como constituinte do ser humano (gênese do homem e mulher), apresenta-se como elemento formativo dos sujeitos, daí derivando o seu caráter educativo, conforme Gramsci (1989). Outrossim, ao produzirem o mundo humano por meio do trabalho, e realizarem a partilha dos conhecimentos imersos, historicamente, nessa produção o homem e a mulher em sua incompletude se humanizam, em uma relação dialética, já que pensar, raciocinar e socializar são fatores determinantes para se distinguirem dos outros animais.

Logo, nesse movimento transformador da natureza e de si mesmos, mulheres e homens, criam e [re]criam novas necessidades, e esses “mundo(s) do trabalho” produtos de suas criações, se ampliam, se mundializam, se tornam, nas palavras de Mészáros (2011, p. 605), um “sistema capital”. As necessidades passam a se tornar necessidades de um sistema, em favor de uma classe, a burguesa. Assim operadas, essas transformações se consolida um modo de produção, ou seja, o capitalismo, e com este, delinea-se a construção de um processo histórico, pautado no antagonismo de classes acentuado na sociedade de mercado.

Assim, estas transformações no(s) mundo(s) do trabalho operadas pelo capitalismo, revelam mudanças, também, nos modo de vida das comunidades tradicionais, a exemplo, de quando se dividem entre os trabalhos das roças e trabalhos dos “patrões” por salários semanais (ou quinzena trabalhada), como forma de complementação de renda, bem como, através de outras travessias do capital, operadas pela: televisão, celular, internet, educação escolar (urbanocêntrica), dentre outras formas.

Embora esse/a trabalhador/a rural, de comunidade tradicional, esteja sujeito/a de certa maneira ao capital e suas diversas faces, contraditoriamente, constrói experiências que os faz pensar-resistir a partir de práticas de trabalho associado, como o mutirão quilombola, configurado conforme Pistrack (2018) como *escola do trabalho*. Esta experiência evidencia, que vem se estendendo para outras “escolas”, como dos movimentos sociais, ao unirem forças para luta de seus direitos.

Portanto, o fazer-se do ser social quilombola, como *formação da classe econômico-cultural*, tem se evidenciado na contradição entre as reproduções ampliadas da vida e as reproduções ampliadas do capitalismo. Entretanto, como aprendemos em Thompson (1981), as evidências não são o espelho do que dizemos que são, precisam ser questionadas constantemente, daí a necessidade desta investigação (em curso).

Com isso, torna-se necessário compreender, que mesmo tendo as comunidades quilombolas, feito esforços, diante das travessias de segunda ordem do capital a se manterem no *costume*, isto é de seus saberes sociais, que envolvem trabalho e cultura, precisamos conforme Tiriba e Fischer (2015) tomar cuidado, com os idealismos criados em relação às comunidades tradicionais, lembram elas, com base nas pesquisas que realizam sobre as contradições entre capital-trabalho que: “Se as comunidades e povos tradicionais estão atravessados, também, pelas mediações de segunda ordem é preciso, obviamente, atentar-se as relações entre o trabalho e os processos de produção, transmissão e socialização de saberes”. (TIRIBA; FISCHER, 2015, p. 421).

Todavia, há também, em meio às contradições do capitalismo, aspectos de lutas-resistências à segunda ordem do capital, que não podem ser negados, apesar de terem sido atravessados de diversas formas, para que fossem ignorados e se tornassem *inexistentes*. Assim os povos de comunidades tradicionais por estarem vivenciando, majoritariamente a centralidade do trabalho, ou seja, o trabalho na sua forma onto-histórica, a exemplo da experiência dos mutirões quilombolas, têm se educado, como *auto-gestão* (PISTRACK, 2018), e neste fazer-se, [re]constroem a consciência de si e para si (GRAMSCI, 1989), através

dos seus saberes sociais de base coletiva, isto é, diferente dos saberes para capital, voltados ao lucro, consumo e acumulação de propriedades individuais e privadas.

Dessa forma, entende-se por saber social a relação, que se realiza no e pelo coletivo, isto é, dos sujeitos que fazem *experiência*, compreensão de que o *sujeito de saber* se apropria do saber, por meio de uma construção coletiva, *experiências* (THOMPSON, 1987), que lhe dão, de acordo com Dubar (2005) identidade.

Nesse sentido, o saber social, por ser coletivo, precisa ser compreendido como *saberes*, por haver uma troca mútua, na construção histórica do homem e mulher (FISCHER, FRANZOI, 2018). Esse ato de troca mútua, produz cultura, ou melhor, a “cultura do trabalho”, materializada nos saberes sociais do trabalho, a exemplo do que vem sendo construído nas Comunidades Quilombolas, como: o saber colaborativo-festivo do mutirão; o da produção da mandioca e seus derivados; das redes de economia para a venda do excedente, o saber do “samba-de-cacete” e do “banguê”, o saber dos movimentos sociais, das Associações, da educação não-formal e formal.

Saberes que evidenciam a resistência econômico-cultural, contrariando a lógica do mercado pensada de forma unilateral, centrada no consumo, no lucro e no acúmulo por meio do trabalho individualizado. Já os saberes, historicamente construídos pelos quilombolas, têm se mostrado com objetivo contrário, ou seja, a produção da subsistência das famílias, ao comercializarem apenas o excedente e ainda produzirem sentimentos, valores, cultura, pois, segundo Thompson (1987, p. 10): “A consciência de classe é uma forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”.

A busca por compreender como se constitui, a formação da classe econômico-cultural, tem-nos levado a ampliar a perspectiva, do contraditório processo de (re)construção dos quilombos, diante das determinações da realidade objetiva, do sistema capital, pois, a questão “não é apenas ‘trazer de volta os trabalhadores’, como escreveu Burawoy, mas reintroduzir o ‘sujeito desaparecido’, como sugeriu Thompson (1990), em sua divisão sexual do trabalho, relações étnicas e de gênero” (CASTRO, GUIMARÃES, 1991, p.10,13).

Pensar os sujeitos como sujeitos de saber, portanto, históricos, é incluí-los com todas as suas dimensões e identidades no foco do conhecimento. Precisamos ir além do que já se pensou sobre trabalhadores e trabalhadoras e suas resistências na fábrica, e procurar entendê-los em experiências de outros chãos. Assim, através dos saberes sociais, que vão sendo (re)construídos de geração e geração, dialeticamente, podem se consolidar a[s] classe[s] trabalhadora[s], com várias formas, nas lutas sociais. Daí a necessidade de ampliar horizontes e estudar a categoria experiência de Thompson (1987), “[...] para pensar as experiências de classe e os movimentos sociais de resistência, das *classes trabalhadoras* contra a opressão capitalista” (CIAVATTA, 2018, p. 70).

Em tal sentido, precisamos entretanto, compreender também, que a formação de classe perpassa por duas dimensões: necessidades e organização política, pois na medida em que existe “um vínculo apenas local entre os parceiros, na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não *constituem* classe nenhuma”. (MARX, 2011, p. 142-143, grifos nossos)

Desta forma, encaminhamos os primeiros passos da investigação, sobre a noção-conceito pensada como a: *formação da classe econômico-cultural* considerando conforme Tiriba (2018a, p. 84, grifos nossos): “[...] os modos de fazer, sentir e pensar de homens e mulheres”, pois, a classe só se constitui, quando seus interesses se identificam e se organizam,

em prol do que lhes são comum.

Palavras-chave: Processos formativos. Quilombolas. Classe econômico-cultural

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CASTRO, Nadya Araujo; GUIMARAES, Antonio Sergio Alfredo. Além de Braverman, depois de Burawoy: Vertentes analíticas na sociologia do trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 44–52, 1991.

CIAVATTA, Maria. A historicidade do conceito de Experiência. *In*: MAGALHÃES, Livia Diana R.; TIRIBA, Lia. **Experiência: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação**. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2018.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FISCHER, Maria C.; FRANZOI, Naira Lisboa. Experiência e Saberes do Trabalho: Jogo de luz e sombras. *In*: MAGALHÃES, Livia Diana R.; TIRIBA, Lia. **Experiência: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação**. Uberlândia, MG: Navegando, 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Fundação Vitor Civita; Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. **18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

PISTRACK, Moisey Mikhaylovick (1888-1940). **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução: Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 405-428, mai./ago. 2015.

TIRIBA, Lia. Fios invisíveis do(s) mundo(s) do trabalho: A experiência à lupa. *In*: MAGALHÃES, Livia Diana R.; TIRIBA, Lia (org.). **Experiência: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação**. Uberlândia, MG: Navegando, 2018.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. V.1.